

MOSAICO

apoio pastoral

::: NESTA EDIÇÃO :::

Editorial

Antonio Carlos S. dos Santos
pág. 2

Racismo Religioso: uma contradição à brasileira

Denis Alves de Souza
pág. 3

A Parábola da Filha Pródiga - Uma releitura

Lídia Maria de Lima
pág. 6

A negação da dignidade do trabalhador no sistema capitalista

Luiz Fernando Carvalho
pág. 10

Jesus e a pós verdade:

Os grandes mentirosos
Antonio Carlos Soares dos Santos
pág. 13

Paixão e morte de Jesus

Alyne Alves Baptista Fagundes
pág. 16

Cristo e a Samaritana: a partilha da água e promoção da vida plena

Lídia Maria de Lima
pág. 21

Programa de Culto para celebrar o Dia da Experiência do Coração Aquecido

pág. 25



*Mulher, vida e dignidade:
por ressurreições em todo tempo!*

Editorial

Entramos em 2018 carregados e carregadas de esperanças! Sim, esperanças! Tantas e muitas dificuldades acabam por convidar-nos para luta, para enfrentarmos desafios e também desafiarmos. A Mosaico- Apoio Pastoral edição 56, ano 26, traz uma série de reflexões onde a relação fé e cidadania é o cerne da discussão. Conversamos sobre Bíblia, metodismo, mas falamos também de situações corriqueiras, mas importantes e sérias, em

nosso convívio como sociedade e comunidade. Por essa razão, temos a participação de alunas, ex-alunos e amigos, professores e professoras. Os temas abordados exigem o questionamento da atualidade. Como participantes de ações pastorais, a realidade será sempre importante em nossos diálogos.

Boa leitura!

*Antonio Carlos
Soares dos Santos
Editor*

Editorial

Mosaico Apoio Pastoral

Ano 26, n° 56, janeiro-abril 2018

Faculdade de Teologia da Igreja
Metodista / Universidade Metodista
de São Paulo

Reitor da Universidade Metodista de
São Paulo: Paulo Borges Campos Jr.
Diretor da Faculdade de Teologia:
Paulo Roberto Garcia

Conselho Diretor

Wesley Gonçalves Santos (4ª RE)
Presidente
Lia Hack da Rosa (2ª RE)
Vice Presidente
Claudia Nascimento (3ª RE)
Luciano José Martins da Silva (5ª RE)
Almir Lemos Nogueira (1ª RE)

Suplentes:

1º – Ewander Ferreira de Macedo (7ª RE)
2º – Eni Domingues (6ª RE)

Bispo Assistente

Revmo. Bispo João Carlos Lopes

Comissão Editorial

Blanches de Paula
Eber Borges da Costa (Coordenador da
Editeo)
Helmut Renders
João Batista Ribeiro Santos
José Carlos de Souza

Responsável por essa edição:

Editores:

Antônio Carlos S. dos Santos

Luana Martins Golin

Assistente Editorial: Fagner Pereira dos Santos

Revisão:

Antônio Carlos S. dos Santos

Luana Martins Golin

Capa: Fagner Pereira dos Santos

Editoração eletrônica: Maria Zélia F. de Sá

Imagem da capa: Christ and the Woman
of Samaria at the Well (oil on canvas),
Solimena, Francesco (1657-1747).

Mosaico

Apoio Pastoral EDITEO

Caixa Postal 5151, Rudge Ramos,
São Bernardo do Campo, CEP
09731-970
Fone: (0__11) 4366-5958
editeo@metodista.br

Racismo Religioso: uma contradição à brasileira

DENIS ALVES DE SOUZA*



<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/>

A Constituição Federal de 1988, fruto do processo de (re) democratização do país, pós-ditadura militar e batizada como a *cidadã*, contempla entre os direitos fundamentais o de *liberdade de consciência e crença* em seu Artigo 5º, Inciso VI. Este direito prevê as garantias de: proteção dos templos, das liturgias e do livre exercício dos cultos, das religiões praticadas no Brasil. Entretanto, o caráter meramente prescritivo deste direito é solapado frente aos inúmeros casos de intolerância e racismo religioso, que, com frequência, somos noticiados.

De acordo com dados do Disque 100 - canal de denúncias do Ministério de Direi-

tos Humanos - entre o ano de 2015 e Junho de 2017 foram recebidas 1486 denúncias sobre: agressões, desrespeito e destruição de locais religiosos. Durante todo o ano de 2015, o número de denúncias foi de 556, no ano seguinte 759, em 2017 foram registradas 169 somente no primeiro semestre. A maioria dos atos (39%) teve como vítimas os partícipes da

Umbanda, Candomblé e de outras religiões afro-brasileiras¹.

Vivenciar estas violências físicas-verbais-simbólicas é um retrocesso bem semelhante àquele que pede a volta da ditadura militar no país, período em que terreiros foram invadidos, incendiados e destruídos. É um tempo de obscurantismo e disseminação do ódio, especialmente alimentado nas redes sociais. Vê-se por todo lado a incapacidade de dialogar, demonstrar gestos de solidariedade, compaixão, etc. Este quadro social é muito antagônico

*Racismo
Religioso: uma
contradição
à brasileira*

¹ Disponível em: < <http://www.mdh.gov.br/noticias/2017/outubro/combate-a-intolerancia-e-ao-racismo-religioso-sao-pautas-prioritarias-do-mdh-1> > (Acesso em 08/01/2018).

a um país que pretende ser: multicultural, plurrirreligioso, democrático e laico.

Pelo fato de que a maioria dos adeptos destas religiões minoritárias é composta por pretos², surgiu recentemente o conceito de “racismo religioso”. Ele difere (apenas conceitualmente) da “intolerância religiosa”, justamente pela cor da pele. Ataca-se as religiões forjadas como instrumento de resistência do povo preto ao seu histórico de escravidão. Os partícipes das religiões afro-brasileiras convivem com a discriminação desde a primeira infância. Frequentar e permanecer na escola torna-se um desafio e tanto³. Suas vestimentas, adornos, instrumentos musicais, também são associadas a algo ruim, senão demoníacos.

Recentemente, a expulsão de uma mãe de santo por um grupo de narcotraficantes evangélicos em uma favela no Rio de Janeiro, ganhou bastante visibilidade midiática. Infelizmente, não se trata de um fato isolado. A Associação de Proteção dos Amigos e Adeptos do Culto Afro Brasileiro e Espírita, informa que traficantes expulsaram pelo menos 40 religiosos só em favelas da cidade do Rio de Janeiro⁴. Este

confuso hibridismo: narcotráfico-evangélicos - é marcado pelo pedido de orações dos traficantes, cultos em intervalos de baile funk, uso de passagens bíblicas em pichações das facções, etc. E, no imaginário dos narcotraficantes-evangélicos, as religiões de matrizes africanas são sinônimo do mal e devem ser extirpadas das comunidades.

Aquele que sofre de racismo religioso vê no cristianismo, sobretudo nas vertentes pentecostal e neopentecostal, um verdadeiro agente opressor. Evidente que generalizações nunca são inteligentes. No entanto, há casos publicamente conhecidos em que lideranças ou parlamentares que representam essas vertentes, foram envolvidos em atos de intolerância/racismo religioso. Um destes ficou conhecido por associar a narrativa de Gênesis (9.20-29) a uma maldição sobre a África. Um dos netos de Noé, Canaã filho de Cam, teria sido amaldiçoado e, posteriormente, tendo seus descendentes habitado a Etiópia, a maldição sobreveio ao continente africano, e por esta razão, impera toda sorte de desgraça (fome, pestes, doenças, guerras étnicas) por lá.⁵ Para além da fragilidade teológica, bem como o conhecimento basilar em história, geopolítica, economia, etc;

este tipo de pensamento não é outra coisa senão racismo religioso.⁶

Somos uma nação miscigenada, o Brasil é a segunda maior nação negra do planeta, atrás somente da Nigéria. À época da independência brasileira, em 1822, a população brasileira era 50% formada por escravos pretos. E, ainda, entre 1500-1888 cerca de 9,5 milhões de africanos foram transportados para a América. Destes, 45% desembarcaram no Brasil. (DREHER, 2006)⁷. Um simples exercício de visitar algumas igrejas nas periferias de São Paulo, sobretudo das vertentes pentecostal e neopentecostal, basta para ter a certeza de que uma quantidade significativa, senão a maioria de membros são pretos (as). É inaceitável que o povo preto, cuja dívida histórica em nosso país ainda não foi paga, continue sendo vítima de racismo religioso. Sejam os evangélicos, os umbandistas, espíritas, candomblecistas, etc.

Saltam aos nossos olhos, cada vez mais, atos de discriminação e intolerância religiosa. As redes sociais registram e amplificam um sem número de casos que envolvem homofobia, racismo, intolerância religiosa, xenofobia e etc. De um modo geral, essas práticas revelam a dificuldade de muitas pessoas em lidar com os contrários. Impede o exercício necessário

² Utilizo a palavra “preto” como cor de pele, em oposição à ideia de “negro” como uma raça, pois entendo haver apenas uma raça: a “humana”.

³ Para entender como é a relação das crianças de religião afro-brasileira com a educação pública, ver: “Educação nos Terreiros” de Stela Caputo. Editora Pallas, 2010. Para compreender como a disciplina de ensino religioso na escola pública pode contribuir para um ambiente de discriminação religiosa, ver meu livro: *Laicidade e Estado: o ensino religioso em foco*. Edições Terceira Via, 2017.

⁴ Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/racismo-religioso-e-o-retrato-da-intolerancia-no-brasil> > (Acesso em 09/01/2018).

⁵ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=PNhNq3jR7js> >. (Acesso em 12/01/2018).

⁶ Este e muitos outros episódios de racismo religioso estão catalogados no excelente livro de Magali Do Nascimento Cunha. *Do Púlpito às mídias sociais: evangélicos na política e ativismo digital*. Curitiba: Primas, 2017.

⁷ DREHER, Martin H. *Bíblia e suas leituras e interpretações na história do cristianismo*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

Racismo
Religioso: uma
contradição
à brasileira

para o bom viver comum: a alteridade, isto é, colocar-se no lugar do outro. Há um agravo quando tais atos partem de pessoas cristãs, pelo simples fato de que enseja uma postura completamente alheia e contraditória à atividade pública e aos ensinamentos de Jesus Cristo. Sendo de Nazaré (periférico), filho de carpinteiro (profissão sem prestígio), seus pais ofertavam rolinhas como sacrifício (pobre), Jesus sentiu na pele a dor da segregação, e por isso, sua prática acolhedora com os que se aproximavam, não poderia ser diferente. Cobradores de impostos, mendigos, bêbados, prostitutas, leprosos, etc. Era com estes excluídos que Jesus passava boa parte do seu tempo, geralmente à mesa,

coisa que os legalistas fariseus repudiavam:

Vale ressaltar que no Oriente Próximo, as pessoas tinham seu momento de confraternização mais importante quando se reuniam para comer e beber juntas. Contudo, comer, beber e conversar com pessoas de má fama, consideradas impuras e desobedientes às Escrituras Sagradas, era um ato repugnante e condenável para os mais religiosos. (RAMALHO, 2017, p.45)⁸.

Um (a) cristão (ã) que acreditar ser natural ofender, desrespeitar, discriminar, diminuir

o outro, não pode ter compreendido a obra de Cristo, nem tampouco internalizado a *regra de ouro* presente em todas as religiões, inclusive no cristianismo: “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o também a eles”. (Mt. 7.12). Assim, faz-se necessário seguir o conselho de Paulo, o apóstolo, e seguir firme no propósito de imitar os atos de Cristo, como ele mesmo o fez. (I Co 11:1). A atitude de Cristo frente aos grupos estigmatizados sempre foi o de acolhimento. Ele encurtava a distância com as pessoas ao invés de aumentá-la.

⁸ RAMALHO, Jefferson. Jesus, o maior socialista que já existiu: encontros e desencontros de um judeu crucificado e uma das mais odiadas correntes ideológicas dos últimos duzentos anos. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017.

* É docente pela Fateo. Doutorando e Mestre em Educação e Ciências Sociais pela UNICAMP. Graduado em Teologia e especialista em Filosofia

Racismo
Religioso: uma
contradição
à brasileira

A Parábola da Filha Pródiga - Uma releitura

(A propósito do Dia Internacional da Mulher)

LÍDIA MARIA DE LIMA*

LEITURA: LUCAS 15.11-24

Vocês já pararam para pensar o quanto o novo pode causar estranheza? Nem sempre o aceitamos de prontidão; mas, somos incentivados/as diariamente a buscar e viver o novo, a pensar diferente; experimentar novas possibilidades, novas leituras e diferentes interpretações. Isto é um exercício que ativa a nossa memória, produz reflexão e nos abre novas possibilidades de ver a vida.

Pensando nisto e tanto fazer uma aproximação com o dia Internacional da Mulher, gostaria de propor um exercício hipotético: que façamos uma releitura da parábola do filho pródigo alterando a identidade deste personagem, mas sem alterar a sua mensagem central. E este texto ficaria, mais ou menos, assim:

Jesus continuou: “Um homem tinha um filho e uma filha. A filha, que era mais nova disse ao seu pai: ‘Pai, quero a minha parte da herança’. Assim, ele repartiu sua propriedade entre eles. Não muito tempo depois, a filha mais nova reuniu tudo o que tinha e foi para uma

região distante; e lá desperdiçou os seus bens vivendo dissolutamente. Depois de ter gasto tudo, houve uma grande fome em toda aquela região, e ela começou a passar necessidade. Por isso, foi empregar-se com um dos cidadãos daquela região, que a mandou para o seu campo a fim de cuidar de porcos. Ela desejava encher o estômago comendo a lavagem que os porcos comiam, mas nem isto lhe davam. “Caindo em si, ela disse: ‘Quantos empregados de meu pai têm comida de sobra, e eu aqui, morrendo de fome! Eu me perei a caminho e voltarei para meu pai e lhe direi: pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digna de ser chamada tua filha; trata-me como um dos teus empregados’. A seguir, levantou-se e foi para seu pai. “Estando ainda longe, seu pai a viu e, cheia de compaixão, correu para sua filha, e a abraçou e beijou. “A filha lhe disse:

‘Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamada tua filha’. Mas, o pai disse aos empregados: depressa, tragam a melhor túnica para vestir minha filha. E coloquem um anel em seu dedo e sandálias nos pés. Peguem o novilho gordo e o matem. Vamos fazer um banquete. Porque esta minha filha está morta e tornou a viver, estava perdida e foi encontrada. E começaram a festa.

Lucas 15:11-24

É claro que, sendo um exercício que exige imaginação, nem todas as adaptações se “encaixam” com a realidade no qual o texto surge, afinal de contas, as mulheres desta época não recebiam herança e nem poderiam sair pelo mundo sozinhas, na tentativa de viver a sua própria história. Mas, como se trata de uma parábola, esta adaptação torna-se possível. Vamos tentar imaginar a história com um olhar diferenciado, como se fosse possível traçar um paralelo entre o filho pródigo, ou a filha pródiga e a situação das mulheres em nossa sociedade:

A Parábola da
Filha Pródiga -
Uma releitura



<https://pebesen.wordpress.com/page/13/?app-download=windowsphone>

A AÇÃO DA “FILHA PRÓDIGA”

Se na época em que Cristo contou esta parábola, as mulheres não podiam receber herança e nem sair de casa para viver suas histórias, até bem pouco tempo, isto ainda era muito comum. Mulheres que saiam de casa para tentar a vida longe da família eram vistas como “mulheres da vida”, aventureiras e ficavam mal faladas. E, neste exercício de imaginação, o que é possível dizer quando a filha mais nova pede a sua parte na herança e sai pelo mundo? – Sim! Que ela criou um problema para o

seu pai, pois, este passou a ser visto como alguém irresponsável, que não teve controle sobre a família e permitiu que sua filha saísse pelo mundo. A filha, por sua vez, torna-se uma grande pecadora, e abre espaço para o julgamento popular, que dizia inclusive que a mesma havia se envolvido com prostituição. Ora, uma leitura mais atenta nos fará perceber

que não há um apontamento direto para isto, apenas especulações. Mas, os nossos olhos julgadores, muito parecidos com o do filho mais velho, faz com que a gente passe agregar novos fatos para a história. E tudo isto se dá, porque estamos diante de uma situação pouco comum e como já disse anteriormente: o novo sempre é provocante e, por vezes, produz estranheza.

É claro que não podemos ignorar a informação de que “esta filha” desperdiçou o que tinha, administrou mal o seus bens e, por isso, viveu priva-

*A Parábola da
Filha Pródiga -
Uma releitura*

ções. Mas, isto não anula a sua coragem e a iniciativa de viver um novo tempo e inaugurar uma nova possibilidade na história. Fico imaginando quantas mulheres não viveram este tipo de situação e continuavam vivendo assim na atualidade. E me alegro ao saber que foi por causa da ousadia, que hoje vivemos uma sociedade em que as mulheres podem estudar, trabalhar, votar, falar, tomar suas próprias decisões e conduzir suas próprias vidas, sem que estas estejam condicionadas a presença de homem que possa legitimar a sua existência. Que bom, que houve mulheres que agiram tal como “a filha” mais nova de nossa parábola e ousaram viajar, sair e experimentar novas situações, ainda que tenham sofrido privações, dores e tantos outros sentimentos. E é claro, que também houveram aquelas que, mesmo passando por dificuldades, seguiram em frente, não retornaram ao lar paternal. Bem como é possível imaginar que houveram muitas outras que ousaram sair com “a sua parte na herança” e que foram bem-sucedidas, mas como nem sempre as histórias são contadas por elas, acabaram caindo no esquecimento.

Outra personagem que merece destaque nesta parábola é o pai.

A parábola diz que, quando “a filha” lhe pediu a sua parte na herança, ele dividiu o que possuía. Parece que não há objeção. Não há nada que indique que o mesmo se opôs ao pedido, nem tampouco, que

o mesmo tentou “impedi-la” de sair de casa e viver a sua vida. Sendo ele a autoridade, teria plenos poderes para fazer isto. Ele poderia ter agido como um pai “super protetor” e evitado que “sua filha” vivenciasse situações tão dolorosas e constrangedoras, mas isto não aconteceu. Ele agiu de maneira justa e digna.

Ainda hoje, nesta caminhada em busca de igualdade feminina e inserção das mulheres nos mais diversos espaços da sociedade, é possível contar com o apoio de muitos homens que também agiram como este pai, dando liberdade e incentivando as iniciativas de quem ousou contrariar as regras. O próprio Cristo também agiu assim, inserindo as mulheres, dando-lhes vez e voz, aceitando-as em seu grupo, dando a elas liberdade para caminhar entre eles e participar ativamente desta história de salvação. Se isto não fosse real, elas não seriam as primeiras a confirmar a sua ressurreição. Jesus confiou nas mulheres e propôs vida nova, novos espaços e novas ações.

Deus também age assim com as nossas vidas: não nos limita e não cria barreiras; nos dá liberdade para ir e vir; nos protege, é claro, mas não nos condiciona, provavelmente porque confia em seus filhos e filhas. As situações que vive-

mos, não são castigos porque em algum momento nós nos perdemos, ou nos desviamos do caminho que deveria ser visto como “normal”, mas, são consequência das nossas escolhas e da própria fragilidade e efemeridade que a vida representa. Mas, é certo, que Deus, tal como um Pai, permanece ao nosso lado e nos ampara quando nós voltamos a ele. E nós? Como temos respondido a esta confiança?

Outro destaque desta história é que o pai, ao receber “a filha” que ousou viver de forma diferente, lhe ofereceu a melhor roupa, o que era símbolo de honra; oferece-lhe também um anel, que muito provavelmente, como era costume entre as famílias abastardas da época, trazia o símbolo da família, sinalizando que “ela” era bem vinda e que fazia parte daquele grupo e, por fim, lhe oferece uma sandália – o que sinalizava a sua condição de pessoa livre – escravos, normalmente, não usavam sapatos. O que tudo isto indica? Que o “pecador” ou “rebelde” é digno de ser premiado? Não! O que acontece é que a graça de Deus é sempre muito maior e está acima de qualquer julgamento que nós possamos fazer, e alcança todos e todas em todos os tempos e lugares. (A régua de Deus, é diferente da nossa régua e das nossas regras! Ainda bem!!)

CONCLUINDO

Que esta tentativa de fazer uma releitura do texto e enxergar as mulheres na história

*A Parábola da
Filha Pródiga -
Uma releitura*

nos incentive a ler a Bíblia com outros olhos e crer que, assim como na vida, novas leituras são sempre possíveis e que isto não altera a mensagem de salvação presente no evangelho. E que a gente consiga olhar para este texto sem tanto julgamento e acusações sobre o pecado do filho mais novo, ou da filha, tal como propomos aqui, mas que possamos salientar a coragem e a iniciativa de quem ousa ser diferente, e fazer a diferença. Pois, foi pela ousadia de pessoas assim, que nós, mulheres, ganhamos espaço na sociedade. Ganhamos uma nova roupa, um novo anel e

novas sandálias – sinalizando nossa honra, nossa inclusão e nossa liberdade. Mas, ainda há muita mulher padecendo e desejando alimentar-se das comidas dos porcos, mas nem isto é possível.

Quanto aos homens, é preciso que eles se lembrem que somos chamados para incluir e seguir, tendo Cristo como o nosso modelo e ele, ao contar esta parábola, estava propondo ao seu povo que abandonasse as atitudes mesquinhas, hipócritas, autoritárias e excludentes e que passassem a agir de maneira mais humana e solidária.

Que neste tempo de quaresma e na nossa caminhada de conversão, possamos ser mais inclusivos, valorizando as iniciativas femininas e resgatando a dignidade daquelas mulheres que estão a margem. E que possamos seguir fazendo a diferença e sinalizando as nossas mudanças, tal como fez o pai, ao receber sua “filha” – abraçando as causas justas - e beijando – o que é novo, o que é positivo, que sinaliza a vida e a esperança.

Que Deus nos abençoe.

* É Pastora e Professora na Faculdade de Teologia Metodista.

*A Parábola da
Filha Pródiga -
Uma releitura*

A negação da dignidade do trabalhador no sistema capitalista

LUIZ FERNANDO CARVALHO*



<http://www.art.danielandujar.org/?portfolio=sindicalismo>

Difícilmente se pode tratar do tema do trabalho e dignidade humana sem abordar – ainda que de forma sucinta – a contribuição de Karl Marx para se pensar o mundo do trabalho. O pensador alemão é autor de vasta obra e, por isso, estudado em diversas correntes das ciências humanas. Da economia à antropologia, passando pela psicologia, história e teologia. O legado de Marx é rico tanto para quem o criti-

ca, tanto para quem corrobora com suas posições.

Em meio a tão vasta produção surge a pergunta: por onde começar? A resposta para tal pergunta não é fácil. Nossa proposta é começar por algumas premissas registradas

em O capital, célebre obra de Marx. Nessa obra o sistema capitalista é descrito, inicialmente, pela mercadoria e paulatinamente vai sendo analisada a figura do trabalhador e sua condição frente a esse sistema de produção.

A análise de Marx traz consigo um fundo histórico do trabalho como atividade essencialmente humana, partindo da agricultura até chegar ao capitalismo industrial

A negação da dignidade do trabalhador no sistema capitalista

(fase em que Marx viveu). A inovação se dá por meio de dois elementos: (a) o histórico do trabalho até sua fase última (capitalismo); (b) papel do trabalhador nesse processo.

A possibilidade da análise se faz por meio de dois fatores principais. Inicialmente o sistema regula o trabalho e a produção através do salário, fazendo deste seu “fundamento criativo universal [...]” (MARX, 2011, p.344). Em segundo lugar coloca a propriedade privada como condição para seu desenvolvimento (MARX, 2008).

O trabalhador que era responsável por todo o processo produtivo – no caso, sobretudo, da tecelagem – passa, com o desenvolvimento das máquinas e a apropriação das terras comunais, a perder sua pequena produção para o burguês e ficar refém do sistema tendo que vender sua força de trabalho para sobreviver. Não obstante, Marx salienta que a dependência do capitalista passa a ser o fator que determina as relações patrão-empregado. Uma vez que “o trabalhador não tem apenas que lutar pelos seus meios de vida físicos, ele tem que lutar pela aquisição de trabalho, isto é, pela possibilidade, pelos meios de poder efetivar sua atividade” (MARX, 2008, p.25). Em suma, o sistema faz com que haja sempre a dependência do trabalhador em relação a ele (sistema), pois em última instância o trabalhador é quem perde com o desequilíbrio,

pois “se a riqueza da sociedade estiver em declínio, então o trabalhador sofre ao máximo [...]”. (MARX, 2008, p.25).

Depois de vendida sua força de trabalho – elemento que incide diretamente em sua questão corporal – como fica o trabalhador frente ao sistema capitalista? Marx pontua que dentro do sistema capitalista o trabalhador nada mais é do que um elemento de circulação simples. “Na troca com o capital o trabalhador está em uma relação de **circulação simples (grifo nosso)**, portanto, não obtém riqueza, mas somente meios de subsistência, valores de uso para consumo imediato” (MARX, 2011, p.358). Por consequência, Marx afirma que dentro da dinâmica da circulação o trabalhador não possui valor para o sistema a menos que este produza: “o trabalhador tem *valor de troca*, um *valor*; como trabalhador livre, não tem *nenhum* valor, só tem valor a disposição sobre seu trabalho, obtida por meio de troca com ele”. (MARX, 2011, p.359).

O corpo do trabalhador é aviltado e sua dignidade subsumida pelo sistema de produção. Nesse sentido, ele é colocado com elemento constitutivo da máquina capitalista. O trabalhador vende não somente sua mão-

de-obra, mas as dimensões corporais que o constituem como ente do mundo em que habita. Sua capacidade de trabalho somente é valorizada por que é incorporada ao mercado, como bem salienta Enrique Dussel em *Hacia un Marx desconocido* (1988). “A capacidade de trabalho” tem valor porque a corporeidade do trabalhador assumiu, consumiu e incorporou mercadorias (meios de subsistência) que tem valor”. (DUSSEL, 1988, p.67). Toda a relação do trabalhador com o sistema é, nesse sentido, mediada pelo corpo. É ele que incorpora a capacidade de trabalho e contribui para o desenvolvimento do sistema. Se entendermos a dinâmica do capitalismo como estruturante, consequentemente, conceberemos o trabalhador como explorado e seu corpo como instrumento dessa exploração. Dussel, analisando os escritos de Marx, entende que o materialismo histórico é produtivo e parte da corporeidade como principio de produção. Logo, para se pensar uma ética que vise romper com esse sistema necessita-se partir “desde essa corporeidade real do trabalho vivo [...]”. (DUSSEL, 1988, p.310).

A partir disso pode-se compreender melhor a inserção do trabalhador no sistema alimentando-o com seu corpo e fazendo com que a engrenagem da produção gire de forma constante. Nesse sentido Deleuze e Guattari pontuam que a civilização, no sistema capitalista, se define por colocar todos os

*A negação da
dignidade do
trabalhador
no sistema
capitalista*

entes do sistema em favor da produção. Ainda que, por conta da dinâmica social, alguns não estejam operando em seu favor o sistema coopta e os integra (DELEUZE; GUATTARI, 2010)¹. Dessa maneira, dão a noção de “lógica maquínica” em que o sistema se insere. Todas as pessoas são máquinas de produção. O corpo do ser humano, além de produzir biologicamente, artisticamente, existencialmente passa a produzir acoplado à máquina. Os filósofos franceses pontuam isso corroborando as ideias de Marx de que “o trabalho aparece unicamente como órgão consciente, disperso em muitos pontos do sistema mecânico em forma de trabalhadores vivos e individuais, subsumido ao processo total da própria máquina [...]”. (MARX, 2011, p.230).

¹ Os autores utilizam de termos como descodificar para referirem-se as disfunções sociais que o sistema capitalista provoca através de sua própria dinâmica e axiomatizar para referir-se a mecanismo de cooptação pelo próprio sistema capitalista. Dessa forma pontuam: “[...] o capitalismo só funciona com a condição de inibir essa tendência, ou de repelir e deslocar esse limite substituindo-o pelos seus próprios limites relativos imanentes que não para de reproduzir numa escala ampliada. O que ele descodifica com uma das mãos, axiomatiza com a outra” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 326).

A partir disso temos alguns aspectos que são interessantes a serem pontuados. Em primeiro lugar estamos tratando de um sistema que além de explorar, fisicamente, a mão-de-obra trabalhadora faz com que o corpo do ser humano seja visto com utilitário ao sistema e somente uma extensão da máquina. Além da separação do sentido do próprio corpo há, inequivocamente, a opressão sistêmica de maneira a produzir uma gama de vítimas que sofrem em seus corpos os danos da opressão.

Enrique Dussel analisando a temática do capitalismo e propondo um sistema ético para sua superação escreve em *Ética de la liberación* (1998) que a luta contra a opressão capitalista é desde a margem; do lugar da opressão do sistema. No caso dos trabalhadores e outras vítimas a crítica se faz desde a corporeidade. Nesse sentido, salienta que o sistema capitalista nega condições básicas de vida para o ser humano, incluindo sua corporeidade uma vez que este é “a negação da corporeidade, da dita subjetividade, a vida

mesma como última instância” (DUSSEL, 1998, p.62).

Por esse motivo a crítica ao sistema de produção capitalista e suas mazelas se faz desde a corporeidade negada do trabalhador. Isso indubitavelmente deve orientar para uma prática que vise dignificar o trabalhador fazendo que a atividade laboral seja prazerosa e dignificante. De outra sorte somente se reforçará a lógica de exploração e aviltamento da dignidade humana.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2010
- DUSSEL, Enrique. **Ética de la liberación: em la edad de la globalización y de la exclusión**. Madrid: Editorial Trota, 1998.
- _____. **Hacia um Marx desconhecido**. México: Siglo XXI; Izgtapalapa, 1988.
- MARX, Karl. **O capital**. livro I. São Paulo: Boitempo, 2011.
- _____. **Grundrisse: Manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2008.

* É ex-aluno da Fateo. Licenciado em história, bacharel em teologia, mestrando em filosofia política. Leigo da igreja presbiteriana independente do Brasil.

*A negação da
dignidade do
trabalhador
no sistema
capitalista*

Jesus e a pós verdade: Os grandes mentirosos

ANTONIO CARLOS SOARES DOS SANTOS*

MARCOS 11.1-11

INTRODUÇÃO

Anualmente o departamento da Universidade de Oxford, responsável pela elaboração de dicionários, seleciona uma palavra para a língua inglesa. No ano de 2016 a palavra selecionada foi “post-truth” (pós verdade). Além de eleger tal palavra, a instituição também conceitua o termo. Sendo assim, “pós verdade” é definido dessa forma: “um substantivo que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais”¹. Inicialmente, esse termo foi bastante utilizado no campo político, onde a verdade perde espaço para boatos e seria capaz de influenciar a opinião pública. Por exemplo, nas últimas eleições estadunidense, “correu” o boato de que o ex-presidente Barak Obama era um dos fundadores do Estado Islâmico ou, um outro boato mais antigo e que teve consequências funestas, de que o executado ditador e presidente do Iraque,

Suddam Hussein, escondia armas de destruição em massa em seus territórios.

A leitura que muitos fazem é que as mentiras sustentadas por boatos dentro de informações repassadas para população, têm como estratégia primordial apelar a preconceitos e radicalizar posicionamento do eleitorado. Apesar de serem infundadas e nunca provadas, denunciar essas informações não é o bastante para mudar o voto majoritário.

Bem... a expressão “pós verdade” pode ser nova, porém, sua aplicação é tão antiga quanto a humanidade. Manipular a opinião pública através de falsas notícias é um estratagemma que políticos, governantes, jornalistas utilizam há muito tempo. No entanto, não somente a política se utiliza da “pós verdade” para manipular. Desde muito tempo, a religião e a religiosidade também se beneficiam de suas artimanhas.

No texto do Evangelho de

Marcos, podemos argumentar, talvez sendo anacrônico quanto a utilização do termo, que Jesus se enquadrava nesse cenário relatado em uma acusação sustentada pela pós verdade. A entrada em Jerusalém foi a acusação que pesou em seu julgamento.

O CONTEXTO...

É importante analisarmos o texto em sua conjuntura. Não é uma narrativa que se inicia com a entrada de Jesus em Jerusalém, mas tem seu início no capítulo 10 do Evangelho de Marcos e oferece uma sequência a qual devemos nos atentar: dos versos 2 a 52 do capítulo 10, a narrativa em Marcos nos apresenta quem é a multidão que segue a Jesus. Na verdade, são essas pessoas, ou como essas pessoas, que o reverenciam na entrada de Jerusalém. Em uma sequência de relatos e discursos favoráveis a algumas pessoas, o capítulo 10 parece ser preparado para revelar quem é a multidão de Jesus.

Por isso temos: Jesus defende a mulher dizendo que quem repudiar sua mulher e casar com outra comete adultério; em seguida diz que o Reino de Deus pertence às crianças;

*Jesus e a pós
verdade:
Os grandes
mentirosos*

¹ <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/11/16> - Consulta em 07/02/2018



https://pt.wikipedia.org/wiki/Entrada_triunfal_em_Jerusal%C3%A9m

Declara que um rico jamais poderá segui-lo, a não ser que Deus o liberte; ainda diz que entre seus discípulos o maior é aquele que serve não o que é servido; por fim, revela que a fé está mais presente nos **excluídos a beira do caminho**, como o cego Bartimeu. Pronto! Está formado o perfil daqueles/as que seguem a Jesus. Nos perguntamos: é o perfil de súditos de um rei? Pode ser... Mas que rei seria esse?

Jesus marcha para Jerusalém no capítulo 11, mas é uma marcha quase cômica, quase ridícula. Um rei sobre um jumento que nem ao menos lhe pertenciam e que depois deveria devolver. Um rei sem coroa, sem cetro, sem corte, sem espada. Seu caminho não está

coberto com tapetes coloridos, mas com ramos e roupas velhas, vestes de um povo sofrido e empobrecido. Roupa de gente peregrina e cheirando a suor. A esperança desse povo sofrido é que ali estaria o Messias prometido que iria acabar com todo sofrimento.

Não...Jesus não proclamou rei, como o acusaram, e nem mesmo Messias. Jesus se apresentava como alguém que se importava com aqueles/as que ninguém mais se importava.

*Jesus e a pós
verdade:
Os grandes
mentirosos*

Nem mesmo um rei. Os ramos e as vestes no chão, na verdade faziam alusão não à uma rei, mas a presença de Deus. E aquele povo sofrido, pareceu entender. Dizem as más línguas, ainda hoje, que esse mesmo povo exigiu sua crucificação dias depois. Mentira...isso é pós verdade. Essa gente sofrida e empobrecida, não entrava no pátio de Pôncio Pilatos.

Jesus foi vítima dessa pós verdade a qual nos referimos no início do texto: um boato que se alastrou e que se tornou mais forte que a verdade. Jesus foi condenado como um bandido rebelde, um agitador político, um usurpador de tronos. Vítima dos “grandes mentirosos” que diziam que ele queria ser Rei de Israel. A verdade era outra. Jesus se apresenta como anunciador das boas novas, que salva o povo de seus pró-

prios pecados, da falsa religião.

Jesus mostra que onde o sistema exclui, o evangelho do Reino de Deus inclui. Karl Barth, teólogo do século XX, dizia que a religião é a mais alta expressão do pecado humano. A ação proposta por Jesus era trazer a verdade do Evangelho da vida.

POR FIM...

Responda depressa quem se acha esperto

Quem sabe de tudo que é certo na vida

Porque que a cara feroz da mentira

Nos pode trazer tanta felicidade

Porque que na hora da grande verdade

Às vezes o povo se esconde se esquece... (Sá & Guarabyra -Verdade e Mentiras)

Pós verdade não é o culto à mentira, mas a indiferença

com a verdade. Os fatos verdadeiros podem ou não existir, e ocorrer ou não da forma divulgada, mas pouco importa, tanto faz para as pessoas. A verdade de fato não afeta o julgamento e a preferência já consolidadas. Como Jesus, aconteceu assim naquele domingo antes da páscoa. O povo o saudava como salvador, como a presença de Deus. Mas o boato foi que ele se dizia rei. No entanto, um rei se omite, se esconde em palácios, Jesus entra em Jerusalém para tocar nas feridas de uma sociedade doente e carente da presença de Deus. Por isso, talvez, vivemos na era da pós verdade, dos boatos, porque a verdade machuca e desconstrói.

Teólogo e docente na Faculdade de Teologia Metodista.

*Jesus e a pós
verdade:
Os grandes
mentirosos*

Paixão e morte de Jesus

ALYNE ALVES BAPTISTA FAGUNDES*

Quando chega o Ciclo da Páscoa no anuário litúrgico, no período da Semana Santa, durante o tríduo pascal, que compreende a sexta-feira da Paixão, o sábado santo e o Domingo de Páscoa, os cristãos sempre comemoram os sofrimentos, a morte e ressurreição de Jesus.

Muitas igrejas fazem teatros, proclamam jejuns, buscam decorar seus altares com as cores litúrgicas do período e enfatizam essa lembrança em seus púlpitos, afinal, são esses momentos da vida de Jesus relatados nos Evangelhos que tornaram-se a base para a fé cristã - Leia **Mateus 26.36-28.20**, **Marcos 14.32-16.20**; **Lucas 22.39-24.53**; **João 18.1- 21.14**) - **Isso se confirma pelo** credo apostólico, que enfatiza a crença em Jesus, afirmando ser ele o filho de Deus, que morreu e ressuscitou e voltará para julgar os vivos e os mortos.

Nas doutrinas metodistas, no segundo dos seus vinte e cinco artigos do metodismo histórico, encontramos a seguinte declaração a respeito da crucificação de Jesus.

“O Filho, que é o Verbo do Pai, verdadeiro e eterno Deus, da mesma subs-

tância do Pai, tomou a natureza humana no ventre da bendita virgem, de maneira que duas naturezas inteiras e perfeitas, a saber, a divindade e a humanidade, se uniram em uma só pessoa para jamais se separar, a qual pessoa é Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, que realmente sofreu, foi crucificado, morto e sepultado, para nos reconciliar com seu Pai e para ser um sacrifício não somente pelo pecado original, mas também pelos pecados atuais dos homens. (Donato, p.95)

Recontar essa história todos os anos pode representar para muitos uma mecanicidade sem fim, porém, a mensagem da cruz tem um efeito tão vívido, que perdura por mais de dois mil anos na mesma intensidade, impactando e restaurando vidas, e gerando alegria de manter uma fé renovada em Jesus, que vive para sempre e nos garante: “...eis que estou convosco todos os dias até a

consumação dos séculos. (Mt 28.20b)

Por essa razão a Paixão e a morte de Jesus se expressam de maneira gloriosa visto que a cruz é loucura para muitos, mas para nós que cremos é poder de Deus. Poder de Deus que desfaz as obras do adversário, poder de Deus que nos limpa e lava de todo pecado, poder de Deus que nos justifica e nos faz ter plena convicção de que somos “filhos de Deus”, poder de Deus que traz esperança e que gera a paz que excede todo entendimento, poder de Deus que nos faz caminhar altaneiramente, vivendo com os pés nessa terra, mas com o coração cheio da certeza de que temos um lar celestial ao lado daquele a quem chamamos Senhor.

O MINISTÉRIO DE JESUS

De forma resumida, podemos dizer que tanto a vida quanto o ministério de Jesus foram muito rápidos e intensos. Provavelmente, aos trinta anos ele iniciou seu ministério, que duraria, possivelmente, apenas três anos, apregoando o Reino de Deus, mostrando seu posicionamento a favor dos oprimidos e excluídos da so-

Paixão e morte
de Jesus

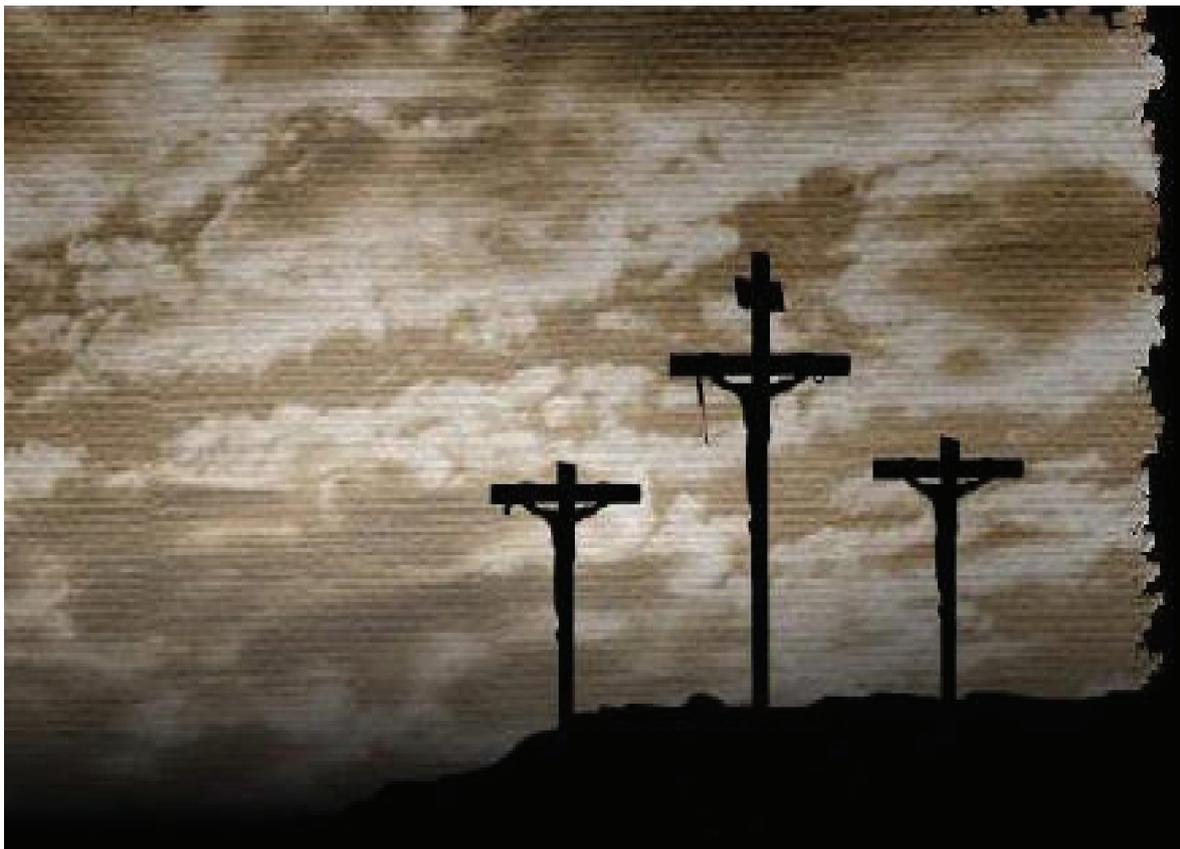
cidade, curando enfermos, alimentando os famintos, lutando contra a pesada religiosidade, mostrando que Deus era contra injustiças e mentiras, contra desigualdades sociais, contra os abusos e explorações, e contra o uso indevido do nome de Deus para interesses egoístas, assim, contrariando as autoridades tanto religiosa quanto política da época. Tudo isso fez com que Jesus se tornasse muito odiado por alguns que queriam literalmente matá-lo, visto que estava em jogo suas manipulações, seus egos, status, poderes e ganhos.

PAIXÃO DE CRISTO

A palavra paixão, tem sua origem no grego, e significa "sofrer". Observamos nos relatos bíblicos que o sofrimento de Jesus iniciou-se antes mesmo de ser preso. Sabendo em sua alma que a hora de cumprir o seu propósito na terra estava por vir, Jesus celebra a Páscoa com seus discípulos num episódio conhecido como a Ceia do Senhor (Mt 26.26-30), no qual declara que seu sangue seria "derramado em favor de muitos para remissão dos pecados"(Mt26.28b), e também fala de sua ressurreição

mais à frente (Mt 26.32) - e é por isso que até os dias de hoje celebramos a Santa Ceia, a fim de também usar dessa oportunidade para nos lembrarmos Dele continuamente.

A Bíblia não diz que nesse momento Jesus já estava sentindo a pressão de sua entrega à morte, mas podemos conjecturar pela sequencia dos fatos. Após a ceia, foi com seus discípulos para o monte das Oliveiras, e, deixando alguns no Jardim do Getsêmani, afastou-se um pouco e foi orar levando apenas três deles, para os quais declarou sua angústia dizendo:



<http://teatrofraiburgo.wix.com/index>

*Paixão e morte
de Jesus*

“A minha alma está profundamente triste até a morte” (Mt 26.38).

Nesse momento, o evangelho de Lucas descreve que Jesus suou gotas como de sangue (Lc 22,44) de tão angustiado que ele estava. Aqui conhecemos a oração que Jesus fez antes de ser preso: “Pai, se queres, passa de mim esse cálice; contudo, não se faça a minha vontade, e sim a tua” (Lc 22.42).

Sim, estava se aproximando o tempo e era chegada sua hora de realizar sua entrega à morte, e Ele estava lá, pronto, sem recuar do propósito de salvação da humanidade.

JESUS É CONDENADO À MORTE

Traído por Judas, levado preso sem motivo, inicia-se um julgamento de forma desonesta e totalmente indutiva à condenação (Mt 26.57-67, 27.1-31). Foi levado primeiramente ao sumo sacerdote, maior autoridade religiosa do templo, sendo julgado pelo Sinédrio, que era o poder religioso e jurídico judaico da época, passando por Pilatos, autoridade romana em Jerusalém e também por Herodes Antipas, representante do rei (Bongass, p.188), e por fim, perante Pilatos novamente e, então, condenado pelo povo.

Vale ressaltar que não foi todo o povo como geralmente pensamos, mas segundo Bongass (p.189), parte do povo, pois o espaço onde se encontravam não era tão grande e maioria dos judeus presentes eram aqueles que já queriam mesmo que Jesus morresse.

Pilatos, no entanto, lavou suas mãos.

Nesse momento Jesus ainda sofre em sua alma, mas agora também em sua carne. Preso, zombado, cuspidado, agredido fisicamente pelos açoites (João 19.1), agredido moralmente pela exposição de sua nudez (Mt 27.31), condenado à morte de cruz pela escolha do povo e tudo isso injustamente!

Sim, ao narrar esses fatos sentimos uma enorme compaixão pelos sofrimentos de Cristo. É inimaginável sua dor e seus sentimentos nessa hora..., Mas retomando o fôlego, podemos voltar os olhos para o sentido real de tudo isso: o amor de Deus pela humanidade. Sim, foi por cada vida que existiu e existe na face dessa terra. Sim, foi por amor e desejo real de Deus reconciliar a humanidade consigo mesmo, cancelando o poder do pecado sobre os homens, trazendo o perdão do pecado que entrou no mundo por Adão (Gn 3) e dos erros que cometemos quando cedemos a alguma tentação seja ela de que espécie for.

“Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Coríntios 5:21)

*Paixão e morte
de Jesus*

CRUZ - SINAL DO PODER DE DEUS

Assim, Jesus foi pendurado no madeiro. Preso naquela cruz com uma coroa de espinhos na cabeça. Teve sede e recebeu vinagre, teve seu lado furado por uma lança, sentiu até que Deus o havia abandonado, tamanho era o peso desse resgate. Todo o peso do pecado sobre ele. O poder da morte o rondava, e ainda sendo tentado a abandonar todo esse plano, foi desafiado a descer da cruz para provar ser o filho de Deus (Mt 27.40). A dor era grande, mas ele suportou. Cumpru seu chamado, cumpriu seu propósito, pagou com seu próprio sangue o preço do resgate, da salvação de todos, ainda perdoando aqueles que o fizeram mal, sem pecados ele entregou então seu espírito.

Aqueles homens que o maltrataram não entenderam. A morte não o venceu, nada aconteceu alheio aos olhos de Deus. Jesus simplesmente se entregou à morte, o filho unigênito de Deus deu espontaneamente sua vida por todos nós.

Em João 3.16-17 diz que “Deus amou ao mundo de tal maneira que deu seu filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porquanto Deus enviou o seu filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele”.

A partir desse episódio, a cruz, que era sinal de maldição (Dt 21.22-23), passou a ser um símbolo de poder para os cristãos. Ao olhar para cruz so-

mos livres, recebemos alegria por confiar e ter a convicção de que somos reconciliados com Deus através de Cristo (2Co 5.19) e que Ele cuida de nós e zela por nós, que somos como a menina dos seus olhos. Somos alguém importante para Deus. Tanto que nos deu livremente também o ministério da reconciliação, pelo que somos embaixadores de Cristo na terra.

Quem não conhece a Jesus ainda considera essa história toda uma loucura. É interessante o quanto se estuda e estudou sobre Jesus, alguns para provar sua existência e ressurreição, outros para tentar aniquilar essa fé, porém é mais do que certo o quanto esse homem influencia até hoje a humanidade. Flávio Josefo, historiador famoso, nos primórdios do cristianismo testemunhou historicamente sobre Jesus.

Se esse nome resiste a tempos e milênios, a ponto de dividir o tempo da nossa história em antes de Cristo e depois de Cristo, imagine o poder que há nesse nome, o poder da fé que nos faz entrar nessa aliança. No sangue está a vida e Jesus, e o poder que emana da cruz é justamente esse: Jesus deu sua vida por nós e hoje temos certeza de que Ele é real e que todos os planos de Deus a respeito da humanidade vão se cumprir até o dia em que Cristo virá buscar sua igreja.

EM JESUS, A VIDA VENCE A MORTE

Há poder no sangue de Jesus! Ele venceu a morte. Por

um tempo esteve sepultado, mas como diz um famoso hino da harpa Cristã: "o sepulcro vazio está porque Ele vive". Jesus ressuscitou! (Mt28.6)

Com ele, ressuscitou a esperança de um encontro real com Deus. Ressuscitou a esperança de dias melhores para a nossa sociedade, a esperança de que o Evangelho chegue ao coração de outras pessoas, a esperança de que esse amor ágape seja derramado a ponto de não vermos mais violências e tragédias, esperança de proteção em meio ao caos e a esperança de uma vida completamente renovada em corpo, alma e espírito. O novo nascimento, nos padrões morais e éticos de Jesus é possível, afinal, em Cristo somos nova criatura.

A morte de Jesus, então, nos trouxe vida, e vida com abundância. Não estamos sozinhos em nossas lutas, temos um salvador que se fez homem e conhece bem o que é ser humano e nos capacita a vivermos a vida que Ele preparou para os que estão nessa aliança.

JESUS NOS CHAMA

Por fim, somos aqueles resgatados a quem Deus confia também um chamado e um ministério. Jesus, no evangelho de João, orou por todos aqueles que viriam a fazer parte dessa família. Assim como Ele

teve uma missão, ele enviou o Espírito Santo até nós para nos consolar e nos ajudar também na missão a qual ele nos chama. Desde o menor membro da igreja ao mais ancião, todos tem um chamado e uma função no Reino. A vida que Jesus distribuiu gratuitamente, somada aos dons espirituais, é para ser compartilhada. Os sofrimentos e morte de Jesus são para nós uma grande prova de amor e sua ressurreição, prova do poder que Ele tem. Agarremo-nos portanto a essa fé, que nos une a Deus. E que o fruto dessa vida cristã seja para edificação de nossa comunidade, seja para levar vida, levar amor onde há ódio e brigas, seja para suprir as necessidades dos que precisam, seja para sermos sal na terra e luz nesse mundo. Que o brilho que emana de Jesus no nosso interior seja tão intenso que possamos chamar atenção daqueles que vivem na escuridão.

Que esse tempo de lembrar Sua história seja momento de reforçar nossa crença em Deus, de forma séria e sólida, não como mais uma história contada, mas como forma de mantermos viva em nossa memória toda essa salvação, e como forma de gratidão tenhamos atitudes de adoração, levando a mensagem de Jesus aos quatro cantos da terra.

E que os ensinamentos da Paixão e Morte de Jesus sejam para nós força quando precisarmos, quando tudo nos parecer contrário durante a caminhada, quando sofreremos também por causa do Seu

*Paixão e morte
de Jesus*

nome em missão. Que possamos sempre nos lembrar que Ele sofreu, Ele morreu, mas ele venceu. Vivo está e conosco permanecerá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bíblia Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. 896p.

Bortolini, José. Como ler o evangelho de João: o caminho da vida. São Paulo, SP: Paulus, 1994. 12ª reimpressão 2015. 205p.

Donato, Ronald Gripp. De Oxford até nós: quem são os metodistas?. Muriaé, MG: O Autor, 2013. 160p.

Gass, Ildo Bohn. Uma Introdução à Bíblia: Período Grego e Vida de Jesus. São Paulo, SP:Paulus, 2005.196p.

Flávio Josefo: uma testemunha do tempo dos Apóstolos; (tradução

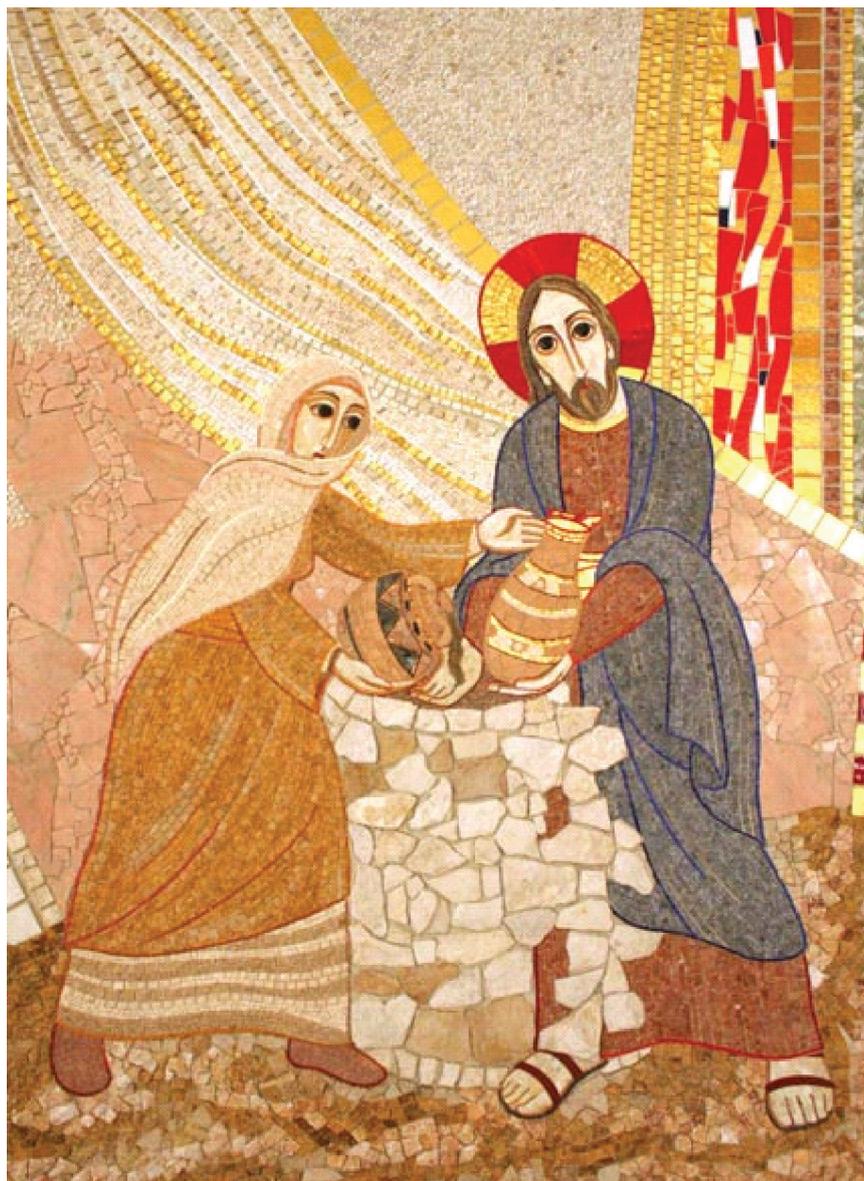
I.F.Leal Ferreira; revisão Josué Xavier). São Paulo, SP: Paulus, 1986. Coleção documentos do mundo da Bíblia.

* Seminarista da Igreja Metodista Jd. Primavera em Resende, 1ª Região Eclesiástica, aluna do 5º semestre (noturno) da Faculdade de Teologia da UMESSP.

*Paixão e morte
de Jesus*

Cristo e a Samaritana: a partilha da água e promoção da vida plena

LIDIA MARIA DE LIMA*



<https://tolleiget.wordpress.com/2017/03/17/jesus-encontra-a-samaritana-e-a-fonte-se-encontra-com-a-sede/>

*Cristo e a
Samaritana: a
partilha da água
e promoção da
vida plena*

Ano 26, n. 56, janeiro-abril 2018

(Texto alusivo ao dia mundial da água 22/03 e dia internacional de combate a discriminação racial 21/03)

TEXTO BÍBLICO: JOÃO 4

EXÓRDIO:

Há algum tempo, vivenciei uma experiência muito marcante em minha igreja de origem; fui ao culto muito inquieta; estava preocupada com questões da faculdade, cansada porque minha jornada de trabalho não era nada tranquila; preocupada com questões de saúde de familiares; enfim, não estava nada bem. Ao chegar na igreja, também não conseguia me concentra na liturgia: O som estava alto demais; as canções escolhidas pelo grupo de louvor, não faziam sentido pra mim, havia muito ruído; enfim... Nada parecia estar de acordo naquele dia.

De repente, uma mão pequena e delicada tocou em minha mão; era uma criança, sorrindo ela me ofereceu um copo com água e me disse: "Toma. Eu trouxe pra você!" – Entregou-me o copo, deu-me um beijo e voltou para o seu lugar. O gesto daquela criança trouxe alegria e calma ao meu coração. Respirei fundo e agradei a Deus, porque sabia que naquele momento, alguém enxergou a minha inquietação. Alguém preocupou-se comigo e deu-me de beber, para que eu pudesse me acalmar. Quando leio a história da mulher samaritana, tenho a impressão de que após conhecer Jesus a mulher teve esta mesma sensa-

ção. Talvez ela também tenha dito: *alguém compreendeu a minha sede.*

**A ÁGUA VIVA REFRESCA,
AFASTA O MEDO E
AS INCERTEZAS...**

O encontro entre Jesus e a samaritana acontece em lugar especial: no poço de Jacó. Na antiguidade, os poços eram essenciais para a sobrevivência dos grupos. E com as tribos israelitas, isto não poderia ser diferente. O poço de Jacó, estava localizado próximo ao Monte de Gerizim, onde estava o templo dos samaritanos; provavelmente, muitas pessoas se encontravam ali, pois, depois de uma longa caminhada não há nada melhor do que uma água pura, fria e revigorante.

Jesus bem sabia como este líquido era precioso, sua caminhada havia sido longa: saiu da Judéia, estava a caminho da Galileia e, neste momento já estava bem cansado, por isso vai até o poço de Jacó. Logo que se aproxima desta mulher lhe pede: *Dá-me de beber.* É sua humanidade que fala mais alto: há cansaço e sede.

A reação da mulher não poderia ser diferente: movida pelo preconceito de sua época

e pelas barreiras existentes entre homens e mulheres, judeus e samaritanos, ela não lhe entrega a água, e ainda questiona a sua postura. Mas, é neste momento que Cristo se dispõe a eliminar as barreiras e se revela um ser divino, portador da água viva; que renova e transforma todos aqueles que dele se aproximam.

O encontro também revela o medo que, de certa forma, também envolve aquela mulher. Sua reação é um sinal de insegurança. Muitas vezes, nosso medo é muito maior que o nosso desejo de transformação. Ficamos tão presos ao sistema, as crenças, aos costumes e aos preconceitos que não somos capazes de ir além, de interagir com outras pessoas, experimentar novas culturais, e mais: não permitimos que o divino se revele a nós, por intermédio do outro.

É a persistência de Jesus que faz com que esta conversa prossiga. Os questionamentos e incertezas da mulher poderiam pôr fim a este encontro; mas Jesus insiste; o medo é superado e a mulher pode enfim, provar a água da vida.

**E ÁGUA VIVA DESFAZ OS
PRECONCEITOS E DIFERENÇAS
SOCIAIS...**

Samaritanos e judeus viviam um conflito de muitos séculos. A Samaria era composta por dois grupos: um de-

*Cristo e a
Samaritana: a
partilha da água
e promoção da
vida plena*

les era formado por pessoas pobres que ficaram na região, quando a Assíria conquistou a Samaria; nesta época somente os samaritanos com mais status, foram levados cativos. E o outro grupo, era formado por imigrantes que traziam outras culturas e outras religiões. Logo, tratava-se de um povo que se misturou, como uma forma de sobrevivência, mas para os judeus que preservavam os conceitos de pureza, esta “mistura” era inaceitável. Havia ali, muita discriminação étnica e social.

Tratava-se de um povo pobre, discriminado, tal como muitos que vemos em nossa sociedade, que vivem as margens. Em locais isolados, privados das necessidades básicas e que muitas vezes não contam nem mesmo com um sistema de água potável. Estão há espera da água da vida; desta água que traz justiça e dignidade; que traz respeito; que promove mudança.

Mas, hoje, ainda há muitos cristãos que se comportam como os próprios discípulos de Jesus e os demais judeus de sua época: preferem desviar o caminho; passar bem longe desta realidade incomoda; deste povo “misturado” pela pobreza e discriminado pela má distribuição de renda do nosso país. Evitamos as “Samaritanas” da atualidade. Não partilhemos a água da vida, porque estamos cercados e contaminados pelo nosso egoísmo e exclusivismo. Não somos capazes de perceber que o nosso poço está secando.

O desafio é compreender: qual é a água que Cristo nos oferece? Qual é a verdadeira água, capaz de saciar a nossa sede? E é o próprio Cristo quem nos responde: a água viva é sinônimo de graça, liberdade e justiça....

É ESTA ÁGUA MOVE VIDAS E PRODUZ UM REINO DE JUSTIÇA E DIGNIDADE....

Durante a conversa com Jesus, a vida privada desta mulher também foi revelada. Ele sabia muitas coisas a respeito dela, inclusive o fato de que a mesma já havia sido casada cinco vezes e que agora, morava com uma outra pessoa; quando pela lei só era permitido ter no máximo três casamentos. Mas, Jesus não está preocupado em julgá-la; aliás, este não é ponto central deste texto. Cristo estava apenas aproximando-se dela, revelando seu lado profético; realizando críticas ao sistema de crença e as idolatrias de seu povo para enfim, chegar a uma discussão teológica marcante: adoração e salvação.

Havia divergências entre eles: os judeus adoravam em Jerusalém, e acreditam que este era o local ideal para a adoração; os samaritanos adoravam em Gerizim, o monte sagrado. Mas, a discussão entre Jesus e aquela mulher colocam um ponto final nesta história: os verdadeiros ado-

radores o adoram em espírito e em verdade, independentemente do local em que estão. Os verdadeiros adoradores podem estar em qualquer lugar do mundo independente de sua crença ou cultura.

E isto me parece desafiador: você se considera um/a verdadeiro/a adorador? Então sai do templo, já até a Samaria; partilhe água com quem de fato tem sede; esteja disposto a tirar água do poço; a trabalhar; a repartir; compartilhar.

A mulher samaritana entendeu perfeitamente o sentido destas palavras, tanto que ela se torna uma missionária. Voltou para sua cidade e contou ao seu povo sobre o messias que havia conhecido e sobre a água que ele lhe deu de beber; provavelmente ela estava tão segura de suas palavras e tão transformada que todos passaram a crer por causa de suas palavras. As pessoas seguiram seus passos foram ter com Jesus. Provaram desta água boa, e muito provavelmente, voltaram e continuaram testemunhando e agindo para outras vidas também fossem transformadas.

PARA CONCLUIR...

Nesta semana celebramos o dia mundial da água e também o dia internacional de combate a discriminação racial, este texto têm muito a nos dizer. Somos desafiadas/os a seguir o exemplo da mulher samaritana. Cristo está nos oferecendo uma água viva capaz de nos purificar e nos motivar em uma caminhada de cuidado

Cristo e a Samaritana: a partilha da água e promoção da vida plena

mútuo, de respeito ao meio ambiente e de superação contra qualquer forma de discriminação.

A sociedade está sedenta; segundo relatos da ONU, daqui 20 anos faltará água para 60% da população mundial; E quem mais irá sentir são as pessoas que vivem a margem da sociedade; são as pessoas discriminadas; são as mulheres mais pobres e que tem crianças para cuidar. É hora de sair do templo e interagir com quem precisa. É hora de encarar a realidade e assumir os nossos compromissos com o Reino de Deus.

Precisamos louvar; adorar; orar, mas precisamos também agir. Cristo é água da vida, e não água parada. Trata-se de uma água em constante movimento, gerando sonhos e transformando-os em realidade deste que haja boa vontade e empenho do seu povo.

Gostaria de retomar a história da criança, que lhes contei no início deste texto. A água que aquela criança me ofereceu naquele momento foi fundamental para que eu me acalmasse e voltasse os meus olhos para Deus e para seus cuidados com a minha vida. Hoje, Deus também quer usar

pessoas para lhe oferecer este refrigerio; basta que você esteja atento aos seus sinais. Mas ele espera que, assim como a Mulher samaritana, você esteja disposto a partilhar esta água viva com as pessoas que estão ao seu redor.

Faça tua parte. Partilhe a água da vida; espalhe as novidades do reino divino e haja com solidariedade, respeito, liberdade e consciência cristã.

Deus nos abençoe.

* É Pastora e Professora na Faculdade de Teologia Metodista.

Editorial

Programa de Culto para celebrar o Dia da Experiência do Coração Aquecido

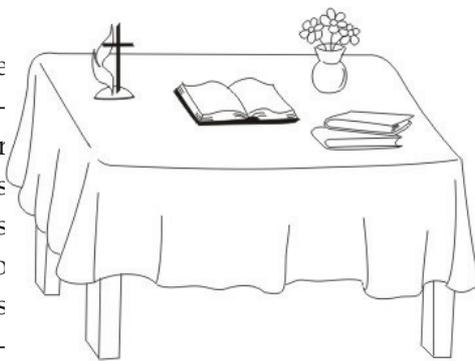
TEMA: O MUNDO É MINHA PARÓQUIA

OBJETIVOS

Possibilitar às crianças e adultos participantes experiências que os levem a reconhecer que Deus usa seus seguidores de várias maneiras, em lugares diversos para que, assim como Wesley, muitos conheçam Jesus e que somos chamados a sermos pessoas cheias de amor, fé e dedicação a Deus e ao nosso próximo.

AMBIENTAÇÃO

Mesa forrada com uma toalha, vaso com flores, Bíblia. Durante o ofertório serão colocados também na mesa folhetos, Bíblias e livros de histórias bíblicas que ao final do culto serão oferecidos ao Ministério de Expansão Missionária (estes materiais poderão ser adquiridos através de campanha, desenvolvida Ministério de Trabalho com Crianças através da ED e de outros Ministérios e Departamentos da Igreja com a devida antecedência).



O MUNDO É MINHA PARÓQUIA

CULTO

1. ADORAÇÃO

Leitura Bíblica: Salmo 134.1-3

Cântico: Meu louvor (Fazendo Festa I)

2. CONFISSÃO

Leitura: Salmo 130.1-6a e 8 (alternado)

D - "Das profundezas clamo a ti, Senhor.

T - Escuta, Senhor, a minha voz, estejam abertos os teus ouvidos às minhas súplicas.

D - Se observares, Senhor, iniquidades, quem, Senhor, subsistirá ?

T - Contigo, porém, está o perdão, para que te temam.

D - Aguardo o Senhor, a minha alma o aguarda; eu espero na tua palavra.

T - A minha alma anseia pelo Senhor... É Ele quem redime a Israel de todas as suas iniquidades."

Senhor! Ouve a nossa oração. Amém!

Cântico: Cada dia melhor (Evangelho, convite pra Paz)

3. LOUVOR

Ofertório: As crianças e demais participantes do culto levam à mesa folhetos e livros de histórias bíblicas, pedidos em campanha realizada Ministério de Trabalho com Crianças, para serem doados ao Ministério de Expansão Missionária. Explique que estes materiais são

Programa de Culto
para celebrar o Dia
da Experiência do
Coração Aquecido

verdadeiros tesouros que serão doados e servirão de instrumentos para ensinar a Palavra de Deus a adultos e crianças que carecem da graça de Deus.

CÂNTICOS

- O Amor Repartido (Canções para toda hora)
- Salmo 146 (Missão Aventura Possível)
- Nossa oferta (Todas as crianças são nossas crianças)

4. EDIFICAÇÃO

História:

Wesley e o Movimento Metodista (usar Gravuras no retroprojector) - Adaptado de Nós e as crianças nº15 e Pequena História de um Povo chamado Metodista de João Wesley Dornellas.

Há muitos e muitos anos atrás, nascia na Inglaterra, no ano de 1703, John Wesley. Seus pais, Suzana e Samuel se alegraram com a chegada deste menino. Wesley cresceu como todos os meninos de sua idade. Gostava de ler, estudar e brincar. Sua mãe o ensinou a ser educado e a respeitar as pessoas.

Ao chegar à juventude, ingressou na Universidade de Oxford, uma das melhores da Inglaterra. Wesley se preocupou com os problemas de todas as pessoas, principalmente os pobres, presos e doentes. Junto com Carlos, seu irmão, e seus colegas, fundou na própria Universidade o "Clube Santo", local onde podiam se reunir para orarem, conversarem e trocarem idéias sobre suas vidas e a sociedade em

que viviam. Wesley e seus amigos eram muito "certinhos"; sendo assim foram chamados por seus colegas de "metodistas", pois gostavam de tudo com muita organização.

No dia 24 de maio de 1738, John Wesley foi com seus amigos até uma pequena igreja na rua Aldersgate para uma reunião. Chegando lá, quando alguém leu um texto sobre o livro de Romanos, algo diferente aconteceu. Wesley sentiu que seu coração batia mais forte, do que normalmente. Ele disse: "senti meu coração estranhamente aquecido". Foi algo tão bom, que transformou sua vida. Ele sentiu que confiava em Cristo, somente em Cristo, para salvação. Passou a ter certeza de que Deus havia perdoado os seus pecados.

A partir daí, Wesley compreendeu que existiam muitas pessoas que precisavam de sua ajuda. Então começou a transmitir a todos, mensagens de fé e de amor a Deus. Fazia suas pregações pelas ruas, praças, fábricas e andava a cavalo e a pé, levando sua mensagem a muitos lugares.

Surge assim o movimento metodista que mais tarde passaria a se chamar Igreja Metodista. O Metodismo alcançou os Estados Unidos e assim foi atingindo todos os lugares do mundo, até chegar ao Brasil.

*Programa de Culto
para celebrar o Dia
da Experiência do
Coração Aquecido*

Durante toda a vida Wesley confortou todos aqueles que sofriam e eram discriminados, trabalhando junto aos necessitados. Morreu bem velhinho, deixando à todas as pessoas do mundo seu exemplo de amor, fé e dedicação a Deus. Como diziam suas palavras: "O mundo é a minha paróquia".

MENSAGEM: LUCAS 6. 16-21

O primeiro sermão de Wesley ao ar livre foi baseado no texto em que Jesus afirma: "o Espírito Santo do Senhor está sobre mim..." Wesley sente o chamado de Deus, para levar a mensagem de salvação aos pobres, aos marginalizados, aos viciados, etc. Daí em diante, ele e seu irmão Carlos pregavam ao ar livre e muitas pessoas se convertiam ao ouvi-los. O metodismo se espalhou, cresceu e ficou forte. Wesley dizia: "O mundo é minha paróquia". Para falar de Jesus não era necessário estar em um templo, mas onde tivessem pessoas recebendo da graça de Deus.

5. DEDICAÇÃO

Cântico: Nos Passos de João Wesley - CD Aquecendo o Brasil - Louvor de Roda 2 (Enquanto as crianças cantam, um menino pequeno, caracterizado de John Wesley, entra montado em um cavalinho de pau e junta-se ao grupo).

6. BÊNÇÃO CANTADA

Fonte: Igreja Metodista - Portal Nacional
<http://www.metodista.org.br/material-de-apoio-para-a-celebracao-do-coracao-aquecido-com-as-criancas> (acesso 27/02/2018)